

Eu sei, mas mesmo assim... mas o psicanalista sabe?

Caio Ferreira Romano

Resenha de Vanessa Chreim, *Dimensões da Recusa*, São Paulo, Blucher, 2021, 352 p.

No início do desenvolvimento de meu projeto de mestrado em 2021, Fernanda Fazzio me indicou o livro *Dimensões da Recusa*, lançado recentemente e fruto do mestrado de Vanessa Chreim. Na época, li alguns capítulos, mas somente agora consegui me debruçar sobre sua leitura e apreciá-la devidamente. Com surpresa, me perguntei como ainda não havia uma resenha sobre esse livro, lançado há cinco anos, cujo efeito pode ser resumido em uma palavra: originalidade.

Logo na apresentação, uma citação nos instiga: “Procurando desmistificar o conceito de Recusa, tive uma surpresa: pensei que fosse um pedaço de gelo, mas não era nem um *iceberg*, e sim um continente” (p. 27).

No prefácio do livro, feito pela Elisa Ulhôa Cintra, ela conta que Chreim, nas aulas de

psicanálise, observava que o conceito de Recusa era escrito no canto inferior do quadro, como se não fosse importante (p. 13).

A Recusa¹ é um mecanismo de defesa no qual se rejeita uma percepção traumatizante, que é a ausência de pênis na mulher e, conseqüentemente, a possibilidade de castração. Ela provoca uma cisão no Eu, em que, paradoxalmente, a castração é recusada, mas ao mesmo tempo é aceita conscientemente. Ou seja, ela possibilita simultaneamente a admissão e não admissão da realidade (p. 23 e 24).

Em muitas aulas de psicopatologia psicanalítica, principalmente em uma visão estruturalista lacaniana, o conceito de Recusa era muito atrelado à perversão². Chreim nos convida a ampliar esse conceito para novas dimensões; a tirar a Recusa do canto inferior do quadro e a olhá-la com mais possibilidades.

O livro começa do início: o primeiro capítulo, intitulado *A Recusa em Freud e o modelo do fetichismo*, explora o desenvolvimento do conceito de Recusa na obra freudiana. Nele, já vemos a ampliação do conceito de Recusa. Chreim utiliza a atualização do conceito de castração, que vai além de diferenças anatômicas. A castração é uma representação, uma fantasia feita pelo psiquismo infantil a partir da ausência de pênis na menina. A falta do genital, envolvido na diferença entre os sexos, amplia-se para representantes simbólicos (p. 29 e 30).

Dessa maneira, a Recusa não trata somente da recusa da castração, mas da recusa da falta. Ocorre uma ampliação da recusa do genital feminino para a recusa da impossibilidade narcísica. Para uma conciliação teórica, Chreim faz uma separação entre complexo e angústia: “Parece-me adequado reservar o termo *Complexo de castração* para o âmbito das questões edípicas, mas a *angústia de castração* se expressa de formas muito variadas além do medo de perder um genital” (p. 30).

Isso ocasiona também uma ampliação do conceito, para além da perversão, nas palavras de Chreim: “Todas essas diferenças mencionadas serão alvo da ação da Recusa, não apenas na perversão, mas também em outros quadros clínicos” (p. 49). Afinal, a falta, a incompletude,

¹ Assim, como a autora, optei por escrever *Recusa*, com “R” maiúscula, quando se tratar do conceito.

² J. Dor, *Estruturas e clínica psicanalítica*, Rio de Janeiro, Taurus-Timbre, 1991.

Caio Ferreira Romano é psicanalista, mestre pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no Departamento de Estudos Psicanalíticos, membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF) e aspirante a membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Autor do livro *Psicanálise, cinema e amor* (2021) e coorganizador do livro *Psicanálise e sexualidades: quem fala de sexualidade hoje?* (2025).

a imperfeição, a impotência – que são simbolismos correlativos à castração – acometem a todos os seres humanos.

Na introdução, Chreim indica que o livro não precisa ser lido na ordem, ela recomenda que se leia o primeiro capítulo e depois que fiquemos livres para escolher os capítulos que nos interessem. Entretanto, devo dizer que li o livro na ordem e achei muito proveitoso, pois, como numa progressão aritmética, uma constante é acrescentada a cada capítulo.

No início, a Recusa é estendida para além de territórios edípicos, porém, é no segundo capítulo que esse território é desbravado, ao ser relacionada ao narcisismo. A constituição do ser humano é atravessada pela Recusa, *tanto pelos efeitos da castração (ligada à falta) quanto pela castração dos pais*. Quando essa defesa se exacerba, temos que: “A falta da mãe e a falta na mãe são duas facetas da castração contra as quais nos defendemos por meio da crença na mãe fálica, que encarna a onipotência e uma promessa de amor incondicional” (p. 81). A idealização é mantida pela Recusa como possibilidade, tanto na mãe fálica quanto no narcisismo da própria pessoa. Como se a pessoa pensasse: *Não há castração em mim, por isso minha mãe me ama, e não há castração na minha mãe*.

Como exemplo, Chreim utiliza o filme *La luna* (1979), onde, na relação mãe e filho, há uma mãe incastrável: “Caterina não admite a própria castração e tampouco tolera a castração de seu filho, afinal, qualquer insatisfação dele remete à insuficiência de sua mãe” (p. 83).

Apesar de em alguns casos a defesa se exacerbar, a autora ressalta a necessidade de um pouco de Recusa, na infância e ao longo da vida, caso contrário, o peso da morte e de nossa incompletude seriam insustentáveis.

No terceiro capítulo, a Recusa é relacionada à mãe fálica. Ao destrinchar a frase icônica *Eu sei, mas mesmo assim*, de Octave Mannoni, vemos as crenças e idealizações das crianças, e como isso ecoa nos adultos. E, não se enganem, isso inclui a todos: “Na vida adulta, há diversas experiências que permitem notar a sobrevivência da crença no falo

materno: são as superstições, o horóscopo, as coincidências, a telepatia, o xamanismo e até o prazer de ser bem enganado por um ilusionista” (p. 97).

No capítulo seguinte, o *Unheimliche* é relacionado à Recusa. Nele é trabalhada a sensação de irrealidade: “É muito difícil para o sujeito deparar com uma experiência que refute sua convicção e seu senso de realidade. Nesse sentido, Penot resgata as contribuições de Freud no tocante à *Unheimliche*, caracterizando-a como o primeiro sinal clínico da Recusa” (p. 118). Ou seja, a sensação de irrealidade ocorre quando a realidade interna se confronta com o mundo externo, tornando-se a manifestação de algo que foi clivado e recusado.

O quinto capítulo aborda *A Recusa na perversão*. Nele é enfim feita, de modo bem aprofundado, a exploração da Recusa como modo de estruturação psíquica defensiva da perversão. Utilizando autores como Aulagnier-Spaurani e Clavreul, Chreim explora o motivo do pavor da castração e sua impossibilidade de aceitação. Ao examinar a relação do perverso com a mãe, vemos que “há uma primeira Recusa, presente em todos nós, que diz respeito a não admitir que a mãe não é onipotente e autossuficiente. A segunda Recusa, presente essencialmente na perversão, diz respeito à não admissão de que a mãe deseja o pai” (p. 134). O não reconhecimento do desejo entre o casal parental torna a castração uma falta horrorificada, na qual, na falta, não se representa o desejo. Desse modo, sem o desejo da mãe pelo pai (e do pai pela mãe), só o que sobra no lugar do não pênis é uma ferida.

O capítulo segue ainda com explorações sobre o tema do fetiche e aprofundamentos sobre a cena perversa, além de utilizar como exemplo o filme *Prenda-me se for capaz* (2002) e explorar os limites e possibilidades do manejo clínico nos perversos.

O sexto capítulo tem como título *A Recusa e o desmentido*, e nele são exploradas as ideias de Sándor Ferenczi sobre o trauma. Nesse capítulo, Chreim diferencia dois tipos de Recusa: uma freudiana, trabalhada até esse momento do livro, e outra relativa ao trauma ferencziano, que

trata de uma recusa intersubjetiva: “Nesse sentido, consideramos que a Recusa intersubjetiva causada pelo desmentido se sobrepõe à Recusa intrapsíquica, ou seja, a realidade psíquica não apenas é recusada como é invalidada” (p. 158).

A Recusa primária é abordada no sétimo capítulo. Fundamentada nas teorias de Alan Bass, Chreim desenvolve a ideia da Recusa nos anos iniciais e, caso ocorra algum problema nesse primeiro período, resultará numa recusa primária atrelada à impossibilidade de diferenciação da alteridade. Todos os capítulos possuem exemplos de filmes para exemplificar as teorizações. Possuem também vinhetas clínicas e, em sua maioria, ampliações para situações culturais e sociais. Nesse capítulo especificamente, a exploração clínica do tema é feita através dos casos de “pacientes concretos”, aqueles com dificuldade de simbolizar: “[...], devido à Recusa, é justamente a função de elaboração e representação do sonhar e do pensar inconsciente que está inoperante” (p. 211). Desse modo, nesses casos, Chreim acrescenta: “A concretude ilustra muito bem a ação da Recusa, que não opera apagando o registro da diferença, mas perturba sua representação e sua formação de significado” (p. 212).

Essa teorização me lembrou de um caso em que o analisando tinha dificuldades simbólicas, tudo era muito literal. Em uma sessão eu disse que ele estava com problemas para ver algumas coisas para além de sua concretude. Na sessão seguinte ele me trouxe um exame de vista detalhado mostrando que a visão dele estava ótima.

Esse capítulo e o seguinte são os mais densos do livro. Antes deles, a leitura flui como numa agradável obra literária, não apenas pela bela escrita de Chreim, mas também pelos exemplos e vinhetas clínicas que fazem a leitura deslizar.

Também ressalto que, até esse momento da leitura, constato o quão interessante e original é a maneira como Chreim nos mostra a clínica e

a cultura por um outro prisma, pelo prisma da Recusa, nos lembrando a frase de Schopenhauer: “Portanto, a tarefa não é tanto ver o que ninguém ainda viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou naquilo que todos veem”³.

No oitavo capítulo são estabelecidas conexões entre o objeto transicional e o objeto fetiche: “são duas manifestações do mesmo processo de defesa – a Recusa – em um leque que abarca aspectos constitutivos e patológicos, protetivos ou destrutivos” (p. 225). Em ambos os casos é trabalhado o espaço paradoxal entre admissão e não admissão da castração, entre o intrapsíquico e o intersubjetivo. Entretanto, o objeto transicional deve ser temporário, em algum momento ele deve ser abandonado. E, caso isso não aconteça, ele pode se tornar um objeto fetiche: “Então, a depender das relações com o ambiente, a Recusa pode desenvolver uma acepção patológica e transformar o objeto transicional em objeto fetiche” (p. 229).

Assim, ambos fazem parte de dimensões da Recusa, porém:

O objeto transicional representa o *reencontro* entre mãe e bebê perante a ausência, e é nesse sentido esperançoso que ele será usado como defesa ante as angústias despertadas pelo desmame. Já o objeto fetiche se origina nas experiências de desilusão precoce ou de perturbação do campo da ilusão e constrói-se a partir da admissão e da não admissão da dor, da invasão, do abandono, do terror, do engano, da mentira e da decepção vividos nas relações com os objetos primários (p. 230).

Se os capítulos sete e oito são mais densos e metapsicológicos, os capítulos nove e dez são essencialmente clínicos. O capítulo nove trata da falta de esperança. No caso de traumas profundos, a consciência da continuidade do ser é destruída, então se instaura uma Recusa da utopia. Nela, não existe a perspectiva de uma vida melhor, e o analisando se recusa a sentir esperança.

Nessas situações a pessoa se fecha para o mundo: “O objeto falhou quanto à sua função de permitir a transformação da falta em um motor que renova a procura por objetos substitutos, de

3 No original: “Therefore the task is not so much to see what no one has yet seen, so much as to think what no one has yet thought in that which everyone sees”. A. Schopenhauer, *Parerga and Paralipomena: Volume 2*, The Cambridge Edition of the Works of Schopenhauer, United Kingdom, Cambridge University Press, 2015, p. 101.

modo que a recusa sustenta a convicção do paciente de que nenhuma forma de ligação levará a um resultado positivo” (p. 261). Nesses casos, a Recusa protege a pessoa de um novo trauma, porém também a aprisiona.

Esse capítulo me fez rememorar um analisando que se encaixa exatamente na descrição feita por Chreim. Meu analisando, por vezes, dizia: “Não se engane, Caio, nada é tão ruim que não possa piorar”. Dessa maneira, vemos na teorização de Chreim: “na Recusa da utopia, o paciente se defende de sentir esperança” (p. 262) ou, de modo mais clínico, “a certeza de perder aniquila o desejo de querer ganhar” (p. 263).

Ainda no capítulo nove, Chreim aprofunda o tema relacionando-o às agonias e a morte psíquica teorizadas por Winnicott. É um psiquismo moribundo, onde ocorreu uma morte interna. São “casos em que o aparelho psíquico sofreu tantos traumatismos que o paciente vive, porém parte de seu psiquismo está necrosado” (p. 264). Nessas situações: “A defesa maníaca e o medo do colapso são expressões dessa Recusa da morte psíquica e da desesperança, em que o sujeito se defende de sua realidade psíquica insuportável” (p. 264).

Além de Winnicott, a autora também dialoga com Green, Bollas e Figueiredo para seus desenvolvimentos. E nos casos clínicos apresentados nesse capítulo: “[...] podemos reconhecer a função defensiva da Recusa: a vivência é interrompida no meio do caminho, de modo que o acontecido é registrado, mas não pode ser pensado” (p. 280). A Recusa impede a representação do colapso ocorrido devido à agonia ser vivenciada em uma situação de abandono. Dessa maneira, esses casos exigem do analista esforço e implicação, para poderem transformar agonia em representação, trauma em passado, e morte em esperança.

O capítulo dez, intitulado *O analista, a Recusa e o enquadre*, faz claramente uma referência ao texto de Green intitulado *O analista, a simbolização e a ausência no enquadre psicanalítico*. Nesse capítulo é explorada a Recusa do analista. Chreim escreve sobre a necessidade de o analista possuir um enquadre interno (conceito teorizado por Green) que

“permite tolerar e processar as intensas cargas que o processo de análise mobiliza” (p. 292). É o enquadre interno do analista que viabiliza a função simbolizante na dupla analítica, porém isso requer que o analista seja capaz de elaborar “as inúmeras frustrações, projeções, invasões, destruições, dominações e tantos outros efeitos inconscientes da relação com seu paciente” (p. 294). É necessário um analista vivo, que sinta, pois, em alguns casos, esse é o único modo de comunicação e, posteriormente, simbolização; principalmente “quando se trata da escuta de elementos pré-verbais, que evocam ruídos, imagens e sensações, é o enquadre interno do analista que serve de tela” (p. 294).

O jogo entre analista e analisando muitas vezes exigirá a elasticidade por parte do analista. Nesses casos, ele deverá incluir o enquadre como tema do atendimento, para que assim seja possível trabalhar com as resistências e as angústias do analisando. Esse movimento trata de uma ampliação do *setting*, no qual a relação transferencial contratual precisa ser adaptada, recombina e reconstruída em diversas situações: “Por isso é importante essa transposição conceitual de *setting* para enquadre, uma vez que leva em conta as propriedades transicionais desses elementos que dão contorno à relação analítica: eles são objetivos e também subjetivos e devem ser escutados como aspectos da transferência” (p. 299). Caso isso não ocorra, a Recusa poderá entrar em ação.

Vemos através desse desenvolvimento que o enquadre analítico “permite a confluência de diferentes temporalidades: o que aconteceu, o que faltou acontecer, o que está acontecendo” (p. 301), para que na transferência isso seja atuado (*enactment*). Por conseguinte, a partir da contratransferência, cabe ao analista representar o que não é possível no analisando por causa da Recusa. Ou seja, através de vestígios de elementos pré-verbais, o analista evoca, em seu plano imaginário, algo da realidade psíquica do paciente que está se repetindo. Desse modo, veremos “o aspecto transicional da Recusa em ação, transformando em realidade aquilo que estava ausente, mas potencialmente presente” (p. 305).

O último capítulo é um *bônus track*, intitulado *Pandemia de Recusas*, e escrito em coautoria com Fernanda Fazzio. Esse capítulo é uma leitura precisa de como a Recusa trabalhou – e também foi necessária – na pandemia do coronavírus de 2020/2021.

A pandemia explicitou algo que já estava em curso: a forma como a Recusa tem se imbricado na cultura e, atualmente, faz parte dela. Entretanto, na pandemia ela cresceu, se fazendo necessária sua defesa antitraumática: “Embora seja um mecanismo de defesa constitutivo e inerente ao viver, a contemporaneidade tem prolongado e perpetuado a ação da Recusa, podendo levar a uma asfixia e a um enrijecimento do psiquismo, que produzem adoecimentos” (p. 316).

O negacionismo, no qual um quer destruir o pensamento do outro, foi uma manifestação da Recusa na pandemia. Nesse fenômeno, por causa da impossibilidade do conflito psíquico, elimina-se o diferente. “É isso o que caracteriza a Recusa, esse duelo contra a realidade inadmissível.

Quando se combatem as diferenças, resta a intolerância” (p. 320).

A má administração e desamparo do então presidente Jair Bolsonaro piorou a situação para um desmentido mundial. Não houve união, não houve empatia, em um momento extremamente traumático. A ciência foi deslegitimada, e o que já era ruim no Brasil tornou-se muito pior.

O livro termina com uma avaliação do momento cultural da época em que foi lançado (2021). Apesar de ser um momento difícil, Chreim mistura verdade e esperança, sendo essa sua assinatura durante todo o livro, misturar teoria e técnica, subjetivo e social, escrita técnica e escrita literária e, talvez o mais importante, o comum e o original: a Recusa como algo que está em nós, nos é inerente, e ao mesmo tempo uma novidade, trazendo uma sensação de *como isso não foi pensado antes*; ou, nas palavras de Marcel Proust, em *Em busca do tempo perdido*: “A única viagem verdadeira, [...], seria, não partir em busca de novas paragens, mas ter outros olhos”⁴.

4 M. Proust, *Em busca do tempo perdido*, v. 1, 2 e 3. 4. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2016, p. 2033.